

A memória e o lugar dos mortos: turismo de necrópole no extremo sul do Brasil

Daniel Luciano Gevehr¹
Larissa Bitar Duarte²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.37300>

Resumo: Analisam-se as evidências da produção da memória, da identidade e da arte tumular do Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS). Com características próprias, o patrimônio cultural da necrópole se evidencia na paisagem da cidade, perpetuando a memória [dos mortos] e se apresenta como um museu a céu aberto. A partir da pesquisa de campo, procurou-se compreender o processo que envolve a produção da arte tumular, a produção do espaço cemiterial e as representações criadas nesse espaço para celebrar a morte. Discutem-se os elementos materiais do lugar, que possibilitam identificar a potencialidade deste patrimônio cultural para uma futura proposta de transformação do Cemitério das Irmandades em ponto turístico. A preservação da memória – através do turismo de necrópole – permite a valorização do acervo do Cemitério das Irmandades, ao mesmo tempo em que faz repensar sobre os mecanismos que envolvem as diferentes representações da morte, no contexto da contemporaneidade.

Palavras chave: Patrimônio Cultural. Turismo de Necrópole. Morte.

¹ Doutor em História e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Líder do grupo de pesquisa (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional. E-mail: danielgevehr@faccat.br.

² Mestre em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (doutorado) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pesquisadora do projeto de pesquisa e de extensão na área de Turismo em parceria com a Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão, e no projeto de pesquisa e extensão Turismo Pedagógico. E-mail: larissa.bitar@gmail.com.

***The memory and place of the dead:
necropolis tourism in the extreme south of Brazil***

Abstract: The evidence of the production of the memory, the identity and the tomb art of the Cemitério das Irmandades of Jaguarão (RS) is analyzed. With its own characteristics, the cultural patrimony of the necropolis is evident in the landscape of the city, perpetuating the memory [of the dead] and presents itself as an open-air museum. From the field research, we tried to understand the process that involves the production of the tomb art, the production of the cemetery and the representations created in this space to celebrate death. It discusses the material elements of the place, which make it possible to identify the potential of this cultural heritage for a future proposal to transform the Cemitério das Irmandades into a tourist spot. The preservation of memory - through necropolis tourism - allows the valuation of the collection of the Cemitério das Irmandades, while rethinking the mechanisms that involve the different representations of death, in the context of contemporaneity.

Keywords: Cultural heritage. Tourism of Necropolis. Death.

***La memoria y el lugar de los muertos:
turismo de necrópolis en el extremo sur de Brasil***

Resumen: Se analizan las evidencias de la producción de la memoria, de la identidad y del arte tumular del Cementerio de las Hermandades de Jaguarão (RS). Con características propias, el patrimonio cultural de la necrópolis se evidencia en el paisaje de la ciudad, perpetuando la memoria de los muertos y se presenta como un museo a cielo abierto. A partir de la investigación de campo, se buscó comprender el proceso que involucra la producción del arte tumular, la producción del espacio cementerio y las representaciones creadas en ese espacio para celebrar la muerte. Se discuten los elementos materiales del lugar, que posibilitan identificar la potencialidad de este patrimonio cultural para una futura propuesta de transformación del Cementerio de las Hermandades en punto turístico. La preservación de la memoria – a través del turismo de necrópolis – permite la valorización del acervo del Cementerio de las Hermandades, al mismo tiempo que hace repensar sobre los mecanismos que envuelven las diferentes representaciones de la muerte, en el contexto de la contemporaneidad.

Palabras – clave: Patrimonio Cultural. Turismo de Necrópolis. Muerte.

Recebido em 22/05/2017 - Aprovado em 05/06/2017

Introdução

A morte, temida por parte da sociedade, apresenta-se na trajetória de vida da humanidade. Para alguns, de modo trágico, para outros, mais cedo ou mais tarde, e para os privilegiados, de forma tranquila e natural. Em outra perspectiva, descreve-se a morte como um fato que, para os homens, é certo, porém com hora incerta.

Na sociedade contemporânea, vê-se a morte como algo a ser evitado [como se o ato de morrer fosse fora do comum durante o processo], uma vez que as pessoas com sentimentos de dor, tristeza, desolação, angústia e perda, temem e, distanciam-se do lugar do repouso eterno [a necrópole].

Segundo Morin (1970), o homem é o único ser que tem a consciência de que a morte existe – e através de suas atitudes e crenças – revela a maneira como o homem encara a passagem da vida para a morte. A consciência de ser mortal é um conhecimento que, fatalmente, traduz uma dimensão afetiva, uma vez que o medo traz uma resposta psicológica diante da morte e do morrer, sendo esse medo maior que os outros medos.

O ser humano caracteriza a morte através de misticismo, magia, mistério, segredo, por isso esse fenômeno natural é discutido na religião e na ciência, com diversas opiniões: o cessar da consciência, na opinião de alguns estudiosos, já compreende a morte, para outros, somente o cessar dos batimentos cardíacos é que caracteriza, de fato, a morte.

Percebe-se que a busca pela imortalidade é almejada através da memória e dos processos que envolvem a manipulação da memória. No contexto das representações da morte, o resguardo da memória das pessoas, nasce e vive de sentimentos, tornando-se necessária a construção de lugares [de memória] que passam a ser agentes da memória, para que se torne vivo o sentido da lembrança. Para Bellomo (2000), os cemitérios são lugares [dos mortos], onde as lembranças tornam-se vivas, preservando-se a identidade cultural de um determinado grupo, perpetuando no tempo a memória daqueles que partiram.

No processo de produção de representações sobre os lugares dos mortos, o passado e o presente se tornam conflitantes, fazendo com que os elementos da cultura passam a representar parte da identidade dos sujeitos, que passam a compartilhar ideias e valores culturais, num processo conhecido como *hibridização* (CANCLINI, 2013) no qual a *cultura* [compreendidas como expressões coletivas] manifesta elementos de diferentes tempos e lugares.

Os cemitérios surgiram como forma de manutenção da memória do morto e, aliado à necessidade de ações de prevenção contra doenças contagiosas, melhoria das condições de higiene e devido ao aumento das populações nos centros urbanos. Assim, na tradição cristã, a proliferação dos

“lugares dos mortos” se deu no início do século XIX, enquanto cemitérios ou campos santos. Os campos santos favoreceram a população, na medida em que colocou os espaços mortuários mais afastados da concentração urbana, buscando-se a proteção da saúde, e, ao mesmo tempo, alcançando-se o objetivo da conservação da memória das pessoas que ali repousam eternamente.

Antes disso, os fiéis [na tradição cristã] eram enterrados nos fundos das igrejas e em seus entornos, dentro de um caixão ou em uma urna com suas cinzas, como nos mostram os estudos realizados por Bayard (1996). Na atualidade, o cemitério encontra-se em locais públicos ou privados, dos mais diferentes modelos e configurações. O resguardo e proteção dos bens materiais e imateriais ali existentes, vão além da conservação dos valores culturais. A exploração desses valores culturais também se faz importante para a educação patrimonial, aproximando os conceitos de memória e de identidade.

Como mostra Fenelon (1992), para evidenciar a forma de vida terrena da pessoa que partiu, as famílias, de acordo com suas posses, mandavam edificar túmulos, estabelecendo uma simbólica relação entre a vida e a morte. Os símbolos gravados no material eram vistos como arte, que se perpetuavam nas lembranças. Tornava-se possível conhecer as pessoas e seus estilos de vidas, através do estudo das imagens artísticas, estilos e influências de artistas locais, bem como a observação de túmulos peculiares, com estruturas representativas em seu entorno. A arte funerária, presente no acervo histórico e arquitetônico do Cemitério das Irmandades, constitui-se de um potencial em desenvolvimento *sui generis*, cuja história conjuga-se na arte que se apresenta e na própria historicidade da cidade fronteiriça do extremo sul do Brasil, que é Jaguarão.

Além disso, o passado musealizado na necrópole oferece-se como opção de transformar a realidade do presente, na medida em que pode ser visto como uma relíquia intocável. Nesse sentido, Meneses (2006) apresenta a ideia de relíquia e memória identitária, como meios de acesso ao passado, condutores de conhecimentos e informações acerca do lugar dos mortos na cidade contemporânea. Nessa mesma perspectiva, Brandão (2016) acrescenta que os cemitérios, além das fontes históricas, também são fontes de pesquisa geográfica, sociológica, literária, arqueológica e demográfica.

Por outro lado, ao servir como testemunho da história local, esse patrimônio cultural [a necrópole] oferece um cenário disposto a contribuir para o desenvolvimento [econômico e social], haja vista o potencial ali existente, a ser trabalhado, na perspectiva de um *museu a céu aberto*. Com o objetivo de promover a preservação da memória e da identidade de Jaguarão, esse estudo

passa a avaliar criticamente, as condições – e de forma especial o patrimônio cultural reunido na necrópole – para a exploração turística do Cemitério das Irmandades.

Atualmente o patrimônio cultural se transformou em um conceito polissêmico. No seu sentido mais usual, designa o tangível [edificado, objeto] ou o intangível [práticas, tradições, modos de ser e fazeres]. Para melhor compreender essa discussão, é preciso lembrar que, de acordo com Choay (2006), foi com a Revolução Industrial que se teve a primeira aproximação do patrimônio com a ideia de *sensibilidade*, porém, ainda associado apenas ao patrimônio tangível. Afinal, a percepção de que a cultura não é um elemento apenas material – mas também imaterial – fez com que a noção de patrimônio cultural passasse a contemplar também as produções não inscritas apenas no plano material, mas simbólico e sensível.

Para justificar a exploração do acervo tumular – como expressão do patrimônio cultural – embasado na historicidade do *lugar de memória* (NORA, 1993), sugere-se um roteiro arquitetônico e histórico com a descrição dos túmulos mais significativos e cuja simbologia se associa mais diretamente aos personagens e fatos que marcaram o passado da cidade.

Jaguarão é um município brasileiro que faz fronteira com o Uruguai (Rio Branco) e desde sua formação o lugar foi ponto de trânsito de pessoas. Veem-se, em sua paisagem, as peculiaridades de um espaço de fronteira, no qual as atividades turísticas do tempo presente podem servir de base para se pensar a inserção da necrópole como uma alternativa de desenvolvimento do turismo cultural.

O Cemitério das Irmandades [como lugar de memória] guarda parte da trajetória dos fatos que constituem a história de Jaguarão (RS), desde a fundação do cemitério, em 1855, quando Jaguarão passou da condição de vila para cidade. Nesse mesmo período, a cidade foi atacada por uma epidemia causada pelo vírus *Chollera Morbus*, que causou a morte de muitos moradores e provocando a criação da nova necrópole.

Percorrendo os lugares da morte: o turismo de necrópole

De acordo com a OMT (1998), o turismo é uma atividade que promove o desenvolvimento local, devido ao seu potencial de crescimento e, por ser um produto que só pode ser consumido *in loco*, tendo importante e estratégico papel como gerador de emprego, aumenta a renda e os investimentos de capital em novas oportunidades de negócios.

Para Meneses (2006), o turismo e a história são conceitos que estão interligados em discussões fundamentadas de trabalhos que envolvem a interpretação da cultura passada e do presente. O turismo [como projeto de

construção] organiza as manifestações culturais como possibilidades interpretativas. Ao reconhecer um espaço ou objeto como sendo um produto turístico na sua estrutura cultural, o patrimônio que está vivo para o turista, compreende a história, tradições, arte, valores, práticas e costumes.

Percebe-se que o conceito de cultura é extremamente amplo, entretanto quando se fala de turismo cultural, este obtém uma conotação mais específica, aproximando-se da ideia de artefato cultural ou bem cultural, uma vez que passa a representar um “produto”. O termo turismo cultural designa uma modalidade de turismo cuja motivação do deslocamento dá-se, segundo Andrade (1976), com o objetivo de encontros artísticos, científicos, de formação e de informação.

No caso específico da pesquisa, percebe-se a cultura – e suas manifestações – através da arte [tumular], dos costumes [fúnebres], dos artefatos [cemiteriais] apresenta uma relação direta com o turismo. Isso se mostra na medida em que o turismo também se apropria da cultura, no que diz respeito à formação das expressões culturais para o desenvolvimento do turismo. O turismo cultural, ao se apropriar da cultura e da identidade do lugar, estabelece um vínculo com o patrimônio cultural das comunidades, e que se manifestam nos espaços sociais e físicos, tais como monumentos comemorativos e fúnebres, arquitetura, imagens fotográficas e na própria organização do cotidiano.

Para melhor compreender os cemitérios, cuja imagem está envolta em certos mistérios [no imaginário cristão], o turismo de necrópole, deve ressaltar que esses lugares de memória [dos mortos] estão, também, envoltos por um sentimento de encanto e rejeição, exercendo por si só um quadro de paradoxos. Abordam-se ainda dentro da sistemática dessas práticas turísticas, a análise das estruturas e dos monumentos mortuários, que expressam diferentes manifestações culturais [da morte].

Segundo Pegas (2013), o turismo de necrópole está associado à morte e, aos sentimentos de dor e de sofrimento. O autor refere-se ao processo, como esse tipo de turismo sendo um “turismo escuro”, “turismo mórbido”, “turismo macabro” ou “*Dark* turismo”. Já para Brandão (2016) o turismo cemiterial evidencia o teor cultural, artístico e histórico, e nessa mesma relação dá-se o necroturismo, com associação aos lugares considerados – por muitos – como assombrados.

Santos (2015), valendo-se dos estudos realizados por Bittencourt, afirma que os cemitérios são conhecidos, na tradição judaico-cristã, como “campos santos”, uma vez que são revestidos de sacralidade e de simbologia religiosa, como formas de representação da morte. O autor faz uso do conceito de museu à céu aberto, para se referir aos cemitérios/campos santos,

na medida em que defende que esses lugares se apresentam como museus, organizados a partir de sistemas de informações, que nesse caso, procuram evidenciar a morte, através de seu patrimônio material.

É importante lembrar que os cemitérios surgiram a partir da necessidade de afastar os mortos do ambiente dos vivos, haja vista as ideias racionalistas das elites culturais interessadas no desenvolvimento do cuidado da saúde e o bem-estar. É possível ressaltar inclusive, que algumas doenças contagiosas [ainda no século XIX e XX] ocasionaram mortes em massa, assim como a cólera, a tuberculose e outras doenças virais, por esse motivo verificasse o surgimento de cemitérios afastados do perímetro urbano, formando um novo espaço territorial e modificando a paisagem anterior.

Percorrendo a cidade dos mortos: um roteiro guiado pela arte funerária

Acredita-se que o atrativo do teor cultural dos cemitérios foi percebido, há algum tempo, pelas associações turísticas internacionais, com a finalidade de atrair o turista. Cabe destacar que alguns pesquisadores como Cabanas e Ricci (2008) já perceberam que a necrópole [cemitério ou cidade dos mortos] é um microcosmo, uma cidade dentro de outra cidade, reunindo pessoas célebres, símbolos, arquitetura, história e curiosidades que enaltecem a cultura local.

Com a ocorrência das mudanças sociais, políticas e econômicas, houve a mudança da concepção de morte, o que propiciou novas formas de exploração dos cemitérios. De acordo com Osman e Ribeiro (2007), a inclusão dos cemitérios em roteiros turísticos das cidades leva também a uma necessidade de organização dos recortes geográficos.

Visitas guiadas em dias estabelecidos, além de placas de identificação e localização das personalidades ali sepultadas, também são práticas do planejamento e organização do espaço cemiterial, com a cobrança opcional de entrada na visitação do espaço turístico. Outra prática da organização e planejamento do produto turístico, pode ser a venda de material informativo de orientação a respeito do espaço cultural à espera do turista.

Para Tavares (2002), os roteiros turísticos referem-se aos itinerários de visitação organizada, com a finalidade da prática do turismo. Os roteiros ocorrem em diferentes locais, como áreas urbanas ou rurais, regionais, nacionais, internacionais, ou entre elas, possíveis de observar como uma ferramenta disposta a análise da realidade do local.

Já para Cabanas e Ricci (2008), o turismo de necrópole aparece como uma alternativa turística que envolve outros segmentos: cultural, hoteleiro, gastronômico, negócios, eventos, urbano, antropológico, familiar, religioso e receptivo. É importante conceber esse espaço em que a religiosidade interage

com a prática do turismo cultural como um patrimônio no processo turístico abordado em um sistema multidisciplinar, envolvendo dimensões: econômica, social, cultural, científica, educativa e ética.

Aliás, nesse contexto, cabe destacar o papel desempenhado pela educação patrimonial, enquanto um instrumento de valorização e de visibilidade do patrimônio, seja ele tangível ou intangível. Através da educação patrimonial, torna-se possível despertar a importância da preservação e da rememoração do legado cultural do passado.

Compreende-se, nessa perspectiva, a educação patrimonial enquanto um instrumento pedagógico, através do qual se produzem significados articulados com as singularidades do lugar [de memória], no qual o patrimônio e os sujeitos coabitam. Com isso, “[...] os lugares de memória têm um claro conteúdo pedagógico ao imprimirem, ou buscarem imprimir, uma continuidade temporal com o passado, a partir – como já dissemos – dos valores do presente [...]” (MOTTA, 2009, p.27).

Compreendendo as necrópoles como lugares de memória que expressam parte do patrimônio cultural, e que podem ser explorados, tanto através das ações de educação patrimonial, como pelo turismo [que também pode contemplar ações de educação patrimonial em seu planejamento] aventa-se a possibilidade de que as necrópoles podem ser exploradas turisticamente, gerando lucro e desenvolvimento nas cidades em que estão localizadas. Através delas, a memória, a identidade do lugar e a preservação do patrimônio aparecem como elementos indissociáveis, tendo a *representação da morte* como ponto de convergência.

De acordo com Rezende (2007) a palavra cemitério vem do Grego *koimeterion*, que significa local onde se dorme. Nos cemitérios, como lugar de manifestação da memória, seus “moradores” se eternizam, através de uma representação tumular em que as práticas religiosas, os costumes da sociedade e os estilos artísticos se somam, construindo um grande acervo material ou imaterial, em que é possível sua interpretação. Para Rezende (2007), a arte funerária está associada, diretamente, ao contexto cultural de sua produção, como forma de interpretar a vida e a morte.

Diversos estudos contemporâneos fazem referência às diferentes representações da morte em relação às crenças religiosas, como os símbolos cristãos, as inscrições bíblicas e os dogmas do cristianismo evidenciados nos símbolos, nas estatuetas e nas pinturas, com a representação da ideologia política projetada em bustos e estátuas de lideranças locais. Há de se considerar a importância artística expressa nas obras de arte tumular, que podem ser assinadas por artistas ilustres, sendo essas obras funerárias

diferenciadas por tipologias como: a cristã, a alegórica e as celebrativas (BELLOMO, 2008).

Para estabelecer uma relação entre a memória e o patrimônio, deve-se compreender, antes de tudo, que a preservação da memória também se dá através das edificações, uma vez que a memória enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. Para tanto, considera-se o estudo de Meneses (2006), que observa dois sentidos diferentes sobre a ideia de monumento [enquanto guardião da memória e do patrimônio]. Observando o seu significado em latim, *monumentum* derivado de *monere* (lembrar), entende-se que monumento é algo a ser lembrado na prática da memória, na perspectiva de que se quer guardar. Nesse caso, o monumento se apresenta de maneira a tornar viva a memória, preservando as crenças e os fatos históricos representados.

Considerando a arte tumular enquanto uma manifestação cultural [monumental] do patrimônio cultural, é preciso lembrar que o patrimônio tem relação direta com a elaboração de significados e como consequência, existe a partir do momento em que há o reconhecimento do patrimônio cultural, enquanto uma construção social e histórica. Já a Constituição de 1988 define o patrimônio, mencionando as edificações e expressões culturais que são referências à identidade e à memória nacional.

O lugar dos mortos no extremo sul do Brasil: Jaguarão e o museu a céu aberto

O município de Jaguarão está situado na região sul do Rio Grande do Sul, na zona fisiográfica da Encosta do Sudeste. Faz limite ao norte com os territórios de Arroio Grande e Herval, ao leste com a Lagoa Mirim e ao sul e ao oeste com República Oriental do Uruguai. O município possui 28.310 habitantes (IBGE, 2016). As bacias dos rios Piratini, São Gonçalo e rio Jaguarão são fontes hídricas de abastecimento da cidade, sendo o Rio Jaguarão o principal rio do município, delimitando a fronteira entre Brasil e Uruguai.

O traçado da cidade manteve o modelo inicial de desenvolvimento, com características europeias. A inspiração para a criação do espaço urbano levou em consideração as projeções militares e seguiu o modelo implantado na Península Ibérica. O início do povoamento de Jaguarão deu-se em 1802, com um acampamento militar português instalado às margens de um rio, ainda não denominado de Jaguarão.

Anos mais tarde, em 1855, a cidade foi marcada pela virulência do *Cholera Morbus*, vitimando centenas de pessoas, e ocasionando a fuga de outras centenas de pessoas, na busca por refúgios em outros lugares, não alcançados pela epidemia. Por ocorrência dessa epidemia, que levou muitas pessoas à

morte, um novo cemitério foi construído, em um espaço geográfico afastado do núcleo urbano, preservando os moradores de doenças contagiosas comuns da época (SOARES, 2011).

A partir de 1980, Jaguarão começa a receber a devida atenção sobre o seu valor patrimonial, através de estudos e projetos, com a intenção de proteger e identificar o patrimônio cultural [de mais de 800 bens inventariados] inserido no município. Com esse objetivo, criou-se em 1982 uma parceria para mapeamento dos prédios, com importância arquitetônica e histórica da cidade, através da parceria firmada entre a Prefeitura Municipal de Jaguarão e a Faculdade de Arquitetura de Pelotas (UFPEL).

Já em 2009, o município foi assistido pelo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC Cidades Históricas, recebendo investimentos do programa interministerial e federativo, criado para articular ações de preservação do patrimônio cultural. Em 2013, o município recebeu o valor de R\$ 40,3 milhões de reais para a execução de onze projetos de restauro na cidade.

Caminhando entre os mortos: o Cemitério das Irmandades em Jaguarão

Pensando na criação de um lugar para o sepultamento dos mortos de Jaguarão, as Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição organizaram a planta baixa do cemitério, que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, ocupando uma área de 13.512m². O Cemitério das Irmandades [em sua planta baixa original] está dividido em duas alas – na ala direita estão os túmulos pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e, na ala esquerda, estão os mortos da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Ao fundo do corredor, que divide as duas alas, construiu-se uma pequena igreja, destinada às famílias dos mortos e às práticas religiosas solicitadas pela população, com uma identidade explícita na fachada, com referências maçônicas e católicas em sua simbologia (SOARES, 2011). Os muros laterais, esquerdo e direito, revelam essa intenção, uma vez que neles estão gravadas as inscrições das Irmandades em que se destacam: “Sacramento”, de um lado, e “Conceição”, do outro. Acima dessas inscrições, está lapidado um globo com uma cruz sobreposta, simbolizando a presença da Igreja Católica.

A paisagem cemiterial e os recortes do Cemitério das Irmandades apresentam-se através de várias estruturas físicas, as horizontais como características - o parque, e outras na linha vertical – como os jazigos, capelas, túmulos monumentais, túmulos simples, ossários, mausoléus. Neles, estão representados elementos de uma simbologia, que nos remete ao tempo de sua

construção, o que permite uma leitura do significado daquele morto ali sepultado para a comunidade.

O espaço cemiterial apresenta-se como um lugar [de memória fúnebre] de muitos significados para a comunidade, e a necessidade de manter esses espaços se dá em função de manter viva a memória daqueles que estão enterrados no Cemitério das Irmandades. Através dos fatos associados à sua formação, o Cemitério das Irmandades representa momentos vividos pelos jaguarenses, que passam a ser preservados.

Como já mencionado anteriormente, em 1855 ocorre a fundação do Cemitério das Irmandades, motivado pela morte de um grande número de pessoas vitimadas pelo vírus *Cholera Morbus* em Jaguarão. Neste mesmo ano, no dia 21 de novembro, foi oficialmente declarada a epidemia, após a constatação da morte de 86 pessoas.

Em estudo publicado no Caderno Jaguarense (2014), tem-se a informação de que o Doutor Ubatuba, seguiu viagem para Jaguarão no dia 11 de outubro de 1855, a bordo do vapor Especulação, sendo expressiva a quantidade de vítimas da cólera. Isso colocou a Vila de Jaguarão em quarto lugar no número de vítimas na província. Esse número que era de 86 pessoas, no final da epidemia chegou a 329 mortos.

Soares (2011) relata que o Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, ordenou uma série de medidas de precaução, sanitárias e profiláticas. Além disso, o médico mandou abrir uma cacimba que se tornou a famosa “cacimba do Ubatuba” a fim de depositar os mortos, vítimas da doença. Essa cacimba teria a finalidade de receber os africanos e afro-brasileiros mortos pelo vírus, já que os brancos eram sepultados no cemitério do quarteirão das ruas Marechal Deodoro, Barbosa Neto, Rua dos Andradas e Coronel de Deus Dias (CADERNO JAGUARENSE, 2014).

Em virtude da epidemia, inúmeras medidas foram tomadas, entre elas a construção de um novo cemitério, em um terreno mais afastado do centro da cidade. Esse terreno, então doado por José Alberto Portela, a pedido da Igreja, foi destinado ao novo espaço para os mortos, sob a organização das duas irmandades: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e a Irmandade do Santíssimo Sacramento. Foi então que, em 1856, o Pe. João Themudo, que exercia uma grande influência na comunidade, por ser reverendo, maçom, e por fazer parte da primeira Câmara de Vereadores do município, definiu o lugar onde seria construído a nova necrópole.

Em meados do século XIX, devido à racionalização e à higienização das cidades, os cemitérios que eram localizados na zona urbana, ou até mesmo dentro das Igrejas, foram transferidos para lugares mais afastados, deixando de

pertencer ao domínio eclesiástico. Inicia-se no Brasil a secularização – separação entre o Estado e a Igreja (CERQUEIRA E BASTIANELLO, 2012).

O cemitério demorou mais de dois anos para ser inaugurado. Nesse meio tempo, os mortos vitimados pela doença, que não eram de origem africana, e que tinham direito a usar o novo terreno para sepultamento no novo cemitério, através da compra do espaço, estavam sendo levados para o novo local, ainda em construção, já que o antigo cemitério estava com toda área preenchida. (SOARES, 2011)

Logo, em 1858, deu-se a inauguração do Cemitério das Irmandades, realizado pela Igreja Católica e suas irmandades religiosas de Jaguarão, que se encarregaram da construção e manutenção do cemitério, sem, contudo deixar faltar um espaço para os mortos acatólicos. Passados sete dias da inauguração oficial do cemitério, o Padre João Themudo veio a falecer, sendo sepultado na ala direita da entrada, referente à Irmandade Nossa Senhora da Conceição. Tal mausoléu está edificado [em destaque] no primeiro espaço da ala referida, enterrado a sete palmos do chão, conforme o desejo do padre, escrito em suas anotações pessoais.

Em consequência de tantos corpos, sem local para serem enterrados [vítimas do *Cholera Morbus*] as Irmandades tomaram a iniciativa, no dia 13 de novembro de 1855, de trasladar os restos humanos do antigo cemitério, localizado no perímetro urbano de Jaguarão, para o novo cemitério, retirado do núcleo central da cidade.

O cortejo foi visto como um evento na cidade, a comunidade preparou os cavalos, as carroças para acompanhar junto com a Guarda Nacional e as Irmandades, os restos mortais do cemitério. O desfile durou cerca de quase duas horas e o grupo de pessoas acompanhando o féretro partiu da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo subindo o Cerro das Irmandades (SOARES, 2011). Desde então, o novo cemitério vem sendo ocupado por pessoas de várias classes sociais, em espaços diferenciados do cemitério e, com a construção de lápides e mausoléus em estilos variados, de acordo com cada época de criação.

Atualmente o Cemitério das Irmandades não está mais sob a administração das Irmandades, nem da Igreja Católica. O cemitério é administrado por uma associação, composta por uma diretoria formada por membros voluntários da sociedade, que gerencia as despesas com funcionários e manutenção do cemitério, através da venda dos sepulcros e taxas referentes a enterramentos e processos fúnebres.

Pe. João Themudo e o papel das Irmandades no contexto histórico do Cemitério

A vinda do padre para Jaguarão foi datada em 22 de maio de 1833. Conforme Soares (2011) o sacerdote era ativo e dinâmico como participante do “progresso da vila” que, em pouco tempo seria elevada a condição de cidade. Embora a monarquia fosse católica e enviasse os sacerdotes para as freguesias para proteger suas finanças, o Padre João Themudo Cabral Diniz exerceu forte influência nos ideais liberais, indo de desencontro com as políticas financeiras que o governo estabelecia (CADERNO JAGUARENSE, 2013). Ainda de acordo com Soares (2011), o Padre Themudo idealizou o início das obras da Igreja da Matriz do Divino Espírito Santo. Embora fosse seu grande desejo ver a obra acabada, este não se realizou vindo o padre a falecer antes da obra concluída.

A relação da morte com as irmandades religiosas vai além do grau de prestígio social e participação no meio econômico, político ou étnico, uma vez que a preocupação com a última morada era fundamental para a certeza dos cuidados dos irmãos com seu fim. Dentre os deveres dos irmãos, a intercessão pelos mortos atende a uma insegurança sentida pelos indivíduos, devido a sua incapacidade de ação perante a morte, que o faz entregar seu destino a pessoas que garantam seu ritual fúnebre. Haja vista a presença incontestável da morte, torna-se compreensível o desempenho dos confrades nos costumes fúnebres, sob o controle da Igreja Católica.

No século XIX – período que abarca a criação do cemitério de Jaguarão – as irmandades exerciam um importante papel entre os fiéis cristãos e a igreja, na condução dos cuidados com os pobres, mendigos e presos e também com autonomia na promoção de festas católicas. Outra obrigação das irmandades continuou sendo os cuidados com os sepultamentos. Na atualidade, as irmandades encerraram suas atividades em Jaguarão, restando somente o nome no cemitério, que ainda traz a lembrança do tempo da atuação das irmandades na cidade.

Formatação do produto turístico: o lugar dos mortos no cemitério das irmandades

Quando se faz referência ao Turismo Cemiterial ou ao Turismo de Necrópole como atividade turística, pode-se, num primeiro momento, parecer inovador, mas é preciso lembrar que essa atividade já é exercida desde o período medieval, com as danças, jogos, trocas e atos jurídicos que eram realizados nos cemitérios.

A trajetória do homem no tempo é marcada por mitos e ritos fúnebres, e quando se ultrapassa essas superstições que envolvem a morte e os

cemitérios, é possível percebê-los como um espaço educativo, em que a memória, identidade, religiosidade, arte e cultura, apresentam-se como um *museu a céu aberto* (BRULON, 2013). Afinal, os museus à céu aberto são compreendidos como espaços não formalmente constituídos enquanto museus [que tradicionalmente se constituem através de uma expografia]. Os museus à céu aberto rompem com essa ideia, na medida em que se apresentam na forma de espaços urbanos, conjuntos de edificações, cemitérios e outros espaços físicos através dos quais o patrimônio cultural edificado se expressa.

Desta forma a exploração da atividade turística nos cemitérios – compreendidos como *museus à céu aberto* – propicia o estudo da fé, da arte tumular, da historicidade do lugar, da arquitetura cemiterial e de personagens sepultados.

A exploração do Cemitério das Irmandades, na cidade de Jaguarão (RS), apresenta-se como um exemplo de turismo de necrópole, podendo desempenhar um papel [também] de atividade socioeconômica, com a ideia de promover no cemitério, a preservação da memória individual e coletiva, relíquias arquitetônicas e patrimônios culturais, através de visitas guiadas. Queiroz (2008) ressalta a importância do espaço físico em que o cemitério se localiza para a prática do roteiro. Figueiredo (2010), por seu turno, aponta que o turismo cemiterial é uma estratégia para angariar fundo para a manutenção dos cemitérios e contornar as situações de abandono.

Como ponto de partida para a formatação do produto turístico, entende-se a necessidade do planejamento turístico. Para Beni (2006), todo o projeto de desenvolvimento local/regional, desencadeia um processo de reconstrução/reapropriação de um território entendido como espaço apropriado.

Para melhor entendimento do processo estudado, estabelece-se uma cronologia de fatos, com o intuito de formatar o produto turístico na relação do mesmo com o desenvolvimento sustentável. Para um melhor entendimento do processo, a metodologia a ser empregada para a elaboração do roteiro falado, se baseará nos elementos de Bahl (2004), que aponta para a necessidade da utilização de guias, com dias e horários, duração, testagem, divulgação, avaliação, tornando assim a criação dos passos de formatação, claros para compreensão [do guia de turismo e do turista].

A partir dessa ideia, é que propomos, na pesquisa, a criação de um roteiro turístico de necrópole, que tem como objetivo, promover a valorização do patrimônio cultural cemiterial [preservando a identidade e a memória do lugar dos mortos] ao mesmo tempo em que potencializa o desenvolvimento do turismo. Afinal, o cemitério insere-se numa cidade fronteiriça, pela qual um número significativo de turistas circula todos os anos, especialmente em razão

da cidade de Rio Branco, já em território uruguaio, onde se encontram os *free shops* de compra.

Dessa forma, propõe-se um roteiro turístico, guiado, na necrópole de Jaguarão:

Roteiro Turístico na necrópole:

- Atrativo Turístico: Cemitério das Irmandades
- Objetivos: Propor uma análise da identidade e memória do acervo tumular contido no cemitério das Irmandades, bem como a sua valorização como espaço interdisciplinar, contando a historicidade do lugar e seus mortos ilustres, através da arte e a simbologia ali apresentadas.
- Roteiro percorrido:
- Saída: Centro Histórico;
- Destino: Cemitério das Irmandades;
- Tempo de chegada: 20 minutos;
- Horários disponíveis para visitação: das 9h às 11h / 14h às 17h;
- Dias estabelecidos: todos os dias;
- Tempo de duração da visita: 1h e 30min;
- Valor do roteiro turístico: R\$XX.

Após a estrutura do roteiro organizada, o segundo passo é a divulgação do material, inclusive nas redes sociais que, segundo Bahl (2004), promove o produto, e conseqüentemente a busca pelo sucesso. A distribuição do produto será feita através das agências receptivas e guias de turismo. Para tanto, se faz ainda necessária a criação de um mapa estratégico do roteiro. De acordo com esse mapa, a visita guiada inicia-se no traslado do centro histórico até o cemitério. Durante o percurso, a guia explana sobre a historicidade do cemitério das irmandades. Ao chegar ao local, cada participante receberá um mapa ilustrativo.

O mapa deverá conter a planta baixa do recorte geográfico, com as ilustrações do lugar, e a indicação dos mortos ilustres. Para embasar a visita, faz-se necessário um folder, com a interpretação dos elementos fúnebres entrelaçando a memória e a identidade do cemitério. Durante todo percurso, os símbolos fúnebres devem ser interpretados e mencionados, e quando o morto for ilustre comentar sobre sua passagem na terra.

Nessa perspectiva, Corrêa (1997) comenta sobre os recortes geográficos, que os geógrafos associam genericamente à noção de diferenciação de áreas e, também de paisagem, espaço, lugar e território. Assim

sendo, dentro deste estudo, o contexto principal dar-se-á sobre a paisagem cemiterial, atendendo especialmente para os aspectos simbólicos presentes na materialidade do lugar.

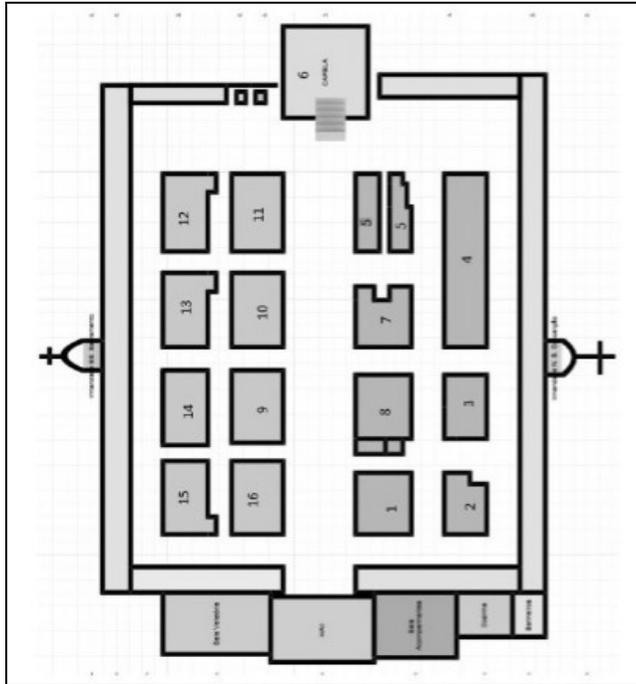


Figura 01 - Recortes geográficos – planta baixa do Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS), com a sequência da visita numerada. Fonte: Arquivo Pessoal.

A visitação ao espaço mortuário, tem como ponto inicial, a entrada principal, que dá acesso a via pública. Sua estrutura é composta por uma passarela de grades antigas nas laterais, coberta por uma vegetação que transmite a sensação de proteção. No final do trajeto da passarela, podem-se admirar dois anjos guardiões. A seguir, existe uma calçada original de ladrilhos hidráulicos que dá acesso à construção em estilo neoclássico que abriga um hall de entrada com a sala velatória à esquerda, uma sala de acompanhantes à direita e no centro o portão que se abre para o espaço tumular e ao fundo a Igreja.

Segundo Bellomo (2008), esta santa, que se encontra na saída ou na entrada do cemitério, expressa à simbologia do sentimento de desolação ou alegria. Ao posicionar-se na entrada, após o portão principal, é possível visualizar ao fundo uma capela, e na parte da frente no lado direito de quem entra, lado este que dará início à visitação, está localizada no quadrante A, o túmulo do Padre João Themudo Cabral Diniz, um dos fundadores do Cemitério das Irmandades.

Em seu túmulo de formato vertical estão dois epitáfios, um antigo e outro mais atual. Também se observa ali, uma homenagem da Loja Maç nica Luz Transatlântica, no alto do túmulo um cálice simboliza os Sete sacramentos cristãos, conforme mostra a figura abaixo.



Figura 02 - Entrada do Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS) – no corredor principal destaca-se a riqueza de objetos como mármore de Carrara, azulejos portugueses, materiais nobres, como ornamentos fúnebres em bronze e estátuas opoentes em gesso, granito e mármore.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Em frente ao túmulo do Padre João Themudo, pode-se observar uma parede com 82 nichos, na parte superior, que serviam para guardar cinzas e ossos, e na parte inferior do muro, espaços para guardar caixões infantis. Destacam-se nesses ambientes, várias fotos e objetos que lembram crianç as.

De acordo com as fontes consultadas, como Rezende (2007) e Bellomo (2008), ao prosseguir a visitação pelas ruas 01 até 16, pode-se observar a relíquia dos artefatos tumulares, em que evidenciam várias épocas, mas todas com a preocupação de deixar registro na memória dos que ficam.

Na necrópole, aparecem mausoléus familiares edificadas em mármore de Carrara, com anjos protegendo o espaço mortuário, simbolizando os sentimentos de desolação e alegria. Aparecem ainda, edificações com características de templo grego, colunas jônicas, com grades na porta, carregando cruzes que simbolizam sorte e esperança.

No exemplo da figura abaixo, observa-se o mausoléu familiar com características de templo grego, construído para receber familiares nas laterais. No alto uma estátua com asas e um vaso na mão. Nos cantos do mausoléu, aparecem ainda, dois vasos para colocação de flores.



Figura 03 - Mausoléu familiar – Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS).

Fonte: Arquivo Pessoal.

O Cemitério das Irmandades é murado e, em seus muros, observam-se túmulos de várias épocas, com vários tipos de ornamentos, característicos

de cada período. Os artefatos tumulares apresentam-se constituídos por azulejos preto e branco e granitos de várias cores. A necrópole de Jaguarão é rica em detalhes e simbologias da morte, como na representação do material fúnebre interpreta-se o XP, como Cristo em Grego. Como representação, a âncora significa o catolicismo em código, que segundo Bellomo (2008) era muito utilizada como registro. Pode-se identificar, ainda, a gaveta do marceneiro Jaguareense do século XIX, responsável pela confecção das portas da XV de Novembro, famosa “rua das portas”.

O cemitério representa, em sua constituição, parte dos contrastes da sociedade local, na medida em que expõe a distinção social das famílias dos mortos sepultados. Isso pode ser percebido, na medida em que existem lápides que ostentam certa opulência, com revestimento em mármore de Carrara, objetos em bronze e [como contraponto da riqueza] outras, nas quais aparecem objetos mais simples, fabricados de pedras mais simples e de baixo custo.

Aparecem, ainda, detalhes como a imagem de Nossa Senhora, com a cruz, representa o desejo de que a alma seja bem recebida, em estilo gótico com colunas gregas, com projeção de coração, no alto, dois anjos um com asas, que representam a ressurreição e o anjo sem asas, o lamento.

Percebe-se durante a visitação, o contraditório entre o preservado e o abandonado. Existem túmulos e mausoléus de famílias que não moram mais em Jaguarão, ou que não possuem descendentes, ou por que as famílias não sabem que as construções existem. Há também aquelas que não dispõem de recursos financeiros para a preservação, demonstrando a ascensão e a queda de famílias tradicionais da cidade do século XIX.

Percorrendo outros espaços da necrópole, o turista pode conhecer outros símbolos associados à morte, como no túmulo de mármore de Carrara, que é todo trabalhado e rico em detalhes. O coração, por sua vez, perfurado, representa a caridade, as rosas mostram a discricção do início do cristianismo, a âncora representa o catolicismo e a guirlanda belezas e virtudes do falecido. Já a cruz em evidência, revela a presença do cristianismo no campo santo, zelando pelos mortos.

Outro elemento que chama a atenção é a Nossa Senhora, de joelhos, situada na última pedra de um mausoléu, que significa a religiosidade e a devoção. Atrás da imagem aparecem discípulos seguindo-a. Este espaço mortuário foi construído para abrigar 16 caixões, pertence a uma família tradicional da cidade.

Ao fundo, percebe-se a presença [material e simbólica] da Igreja no Cemitério das Irmandades, construída junto com a edificação do cemitério,

com suas características maçônicas e sua fachada com suas formas geométricas e colunas Gregas.

Também cabe registro, o Mausoléu do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, neto do irmão de Bento Gonçalves, presidente da Província no ano de 1908 e que, em 1909, participou do tratado firmado com o Uruguai, retificando nossas fronteiras e acertando o condomínio das águas do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim com o Uruguai. O mausoléu, com forma robusta, se destaca no cemitério, constituído por uma coluna composta em granito e marcada por elementos fúnebres, que se destacam [como o *XP* que significa Cristo em Grego].

Outro lugar de destaque na necrópole é o túmulo de um dos mais importantes construtores da cidade, que marcou época em Jaguarão, que foi Martinho de Oliveira Braga. Ele foi o responsável pela construção da residência do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e do Teatro Esperança. Finalmente, a visitação do Cemitério das Irmandades termina no Túmulo do Padre Antônio dos Inocentes, situado no lado esquerdo do Túmulo do Padre João Themudo.

É importante ressaltar o cuidado que se tem com a manutenção e a organização da necrópole de Jaguarão, como a colocação de placas de informações históricas, informações sobre as sepulturas e suas famílias, bem como dados gerais sobre o lugar.

Conclusão

Percebe-se a singularidade da necrópole de Jaguarão, enquanto lugar de memória e museu à céu aberto, expressando uma riqueza de detalhes e um conjunto arquitetônico que se destaca pela sua monumentalidade. O cemitério distingue-se da maioria dos “lugares dos mortos” encontrados nas cidades do interior do Brasil, uma vez que a opulência presente em sua arquitetura revela um passado de prosperidade econômica da região, ao mesmo tempo em que atesta a preocupação com a perpetuação do passado, através da arte cemiterial.

Embora, aparentemente, a ideia seja vista como um Turismo Negro [o *Dark* Turismo] o Patrimônio Cultural “que jaz” neste espaço, está “carregado” de memória, cultura e identidade, singulares e diretamente ligadas ao passado da cidade. Na necrópole, que representa o lugar da morte na cidade, a arquitetura e a religião estão representadas, expressando o sincretismo de crenças e culturas, que se materializam na necrópole.

Na arte funerária existente no lugar [dos mortos], é possível observar as diferentes crenças a respeito da morte, bem como os diferentes grupos sociais que construíram o espaço tumular e as diversas épocas em que foram

realizados os enterramentos, bem como a ereção dos símbolos religiosos que demonstram as crenças, identidades, pensamentos e valores sociais.

Ao visitar um cemitério, pode-se observar o acervo ali constituído, despertando a atenção do turista, na medida em que a imaginação estimula a investigação sobre o lugar e sua materialidade. No Cemitério das Irmandades existem túmulos que contam a história de “heróis de guerra” e de “moças que morreram por amor”, potencializando o imaginário do turista. Através do passeio pela necrópole encontra-se, não apenas um “lugar dos mortos”, mas também fragmentos e recortes da história da cidade, que é contada através das lápides e das simbologias fúnebres, que constituem o patrimônio cultural da necrópole.

Uma das práticas possíveis de ser adotada como mecanismo de educação patrimonial e de desenvolvimento turístico [com vistas à garantia da preservação da necrópole] é a exploração dos bens culturais-patrimoniais dos cemitérios. Para a divulgação de sua riqueza arquitetônica e cultural, sugere-se a prática das visitas guiadas às necrópoles, identificadas como museus a céu-aberto.

O acervo cultural, as lendas e as histórias que legitimam heróis fazem dos cemitérios, mais que um lugar com função de velórios e enterros, uma vez que dão dinamicidade – permitindo sua preservação, atualização e reinvenção como espaço de turismo – ao lugar que também é um acervo arquitetônico e histórico.

As práticas de planejamento e de gestão sustentável impõem-se de vital importância para a sustentabilidade dos lugares de memória [dos mortos]. Para isso, a criação de políticas públicas que impulsionem o crescimento e o desenvolvimento de projetos afim da cultura, torna-se necessária. Com esse olhar, o processo de desenvolvimento [pautado na responsabilidade social] deve dialogar permanentemente com a participação efetiva das sociedades locais. A riqueza revelada pelo mundo dos mortos, através da necrópole urbana, permite melhor conhecer o passado das sociedades, ao mesmo tempo em que pode desestigmatizar a morte, cuja compreensão ainda está fundamentalmente associada à ideia de perda e tristeza.

Cabe ao turismo de necrópole, provocar uma nova leitura [crítica] sobre os cemitérios, dialogando com os novos estudos sobre a morte e seus lugares [materiais e imateriais] e que redimensionam esses lugares, inserindo-os numa nova perspectiva cultural, enquanto lugares de memória, de preservação e de redescoberta sobre o passado da sociedade.

Referências

- ANDRADE, José Vicente. *Fundamentos e Dimensões do Turismo*. 8 ed. Belo Horizonte: Ática, 1976.
- BAHL, Miguel. *Viagens e Roteiros turísticos*, Curitiba: Prottexto, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAYARD, Jean-Pierre. *O Sentido oculto dos ritos mortuários: Viver é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipuc, 2000.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BENI, Mario Carlos. *Política e Planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.
- BETTEGA, Maria Lúcia. *Eventos e Cerimonial: Simplificando as ações*. Caxias do Sul: EducS, 2004.
- BORGES, Maria Eizia. *Arte Funerária no Brasil (1890 – 1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.
- BORGES, Maria Elizia. *Aspectos do Revival Egípcio e Classicista na arte Funerária Brasileira*. XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro da História da Arte. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- _____. *Arte Funerária no Brasil: Projeto Integrado de Pesquisa*. XXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro. v.01, n.1, p. 321-329, 2004.
- BOULLÓN, R. C. *Planejamento do Espaço Turístico*, Bauru. EDUSC, 2002.
- BRANDÃO, Giane; Equipe Cemitérios P. *Vamos Passear... No cemitério?* Disponível em <http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Passear_no_cemiterio.pdf> Acesso em: 30 abr. 2017.
- BRULON, Bruno. Da artificação do sagrado nos museus: entre o teatro e a sacralidade. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.21. n.2. p.155-175. jul-dez. 2013.
- CABANAS, A.; RICCI, F. *Turismo de necrópole: Novos Caminhos Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista*. Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação. Eletrônica, v. 10, n 03. p. 378-398, set/dez. 2008.
- CADERNO JAGUARENSE. *Jaguarão: Instituto Histórico e Geográfico*, Evangraf. v. 5, 2013.
- CADERNO JAGUARENSE. *Jaguarão: Instituto Histórico e Geográfico*, Evangraf. v. 6, 2014.
- CAMPOS, A. P. S. *Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial*. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Saúde

- Pública) São Paulo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2007.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- CARRASCO, Gessonia Leite Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. *Cemitérios como fonte de pesquisa de educação patrimonial e de turismo*. *Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro. v.2, n.2. p.46-60, jul./dez de 2009.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- _____. *Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara, BASTIANELLO, Eliane Maria Tonini. *Representação das etnias na cultura material funerária no Cemitério da Santa Casa de Caridade, Bagé-RS (descendentes de portugueses, espanhóis e italianos)*. *Dimensões*, vol. 28, p. 296-314, 2012.
- CHARÃO, Egiselda Brum. *Estudos Históricos – CDHRP – Agosto, 2009*.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.
- DIAS, Reinaldo. *Turismo e Patrimônio Cultural*. Recursos que acompanham o crescimento das cidades. 2. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELUSTA, H.A.de L. *Visita ao museu de pedra: O Cemitério da Saudade de Campinas – SP*. / Halima Alves de Lima Elusta. – Goiânia, GO: [s.n.], 2008.
- FARAH, Ana Paula. *Restauro arquitetônico: a formação do arquiteto no Brasil para preservação do patrimônio edificado*. *Rev. Bras. História [online]*. Franca, vol. 27, n. 2, p. 31-47, 2008.
- FÉLIX, Loiva O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- FENELON, Déa Ribeira. *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.
- FERREIRA, M.L.M. *Patrimônio: Discutindo alguns conceitos*. *Diálogos Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História*. Maringá v. 10, n. 3, p.79-88, 2006.
- FERREIRA, J. M. Simões. *Arquitetura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitetura*. Lisboa; Fundação Klouste, Gulbenkian, 2009.
- FIGUEIREDO, Olga Maíra. *Uma contribuição geográfica para o entendimento do Cemitério dos Ingleses na urbe carioca*. Monografia (Graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Geografia, 2010.

- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCO, Sergio da Costa. *Origens de Jaguarão (1790-1833)*. Universidade de Caxias do Sul: Instituto Estadual do Livro, 1980.
- FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. (Org.) *Turismo e patrimônio cultural*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. *O Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 10 jun. 2016.
- LE GOFF, Jaques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa. 1995.
- LEOTI, Alice. *Dossiê do Tombamento do conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão/RS e Seus Reflexos na Paisagem Cultural. 3º colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto- desafios e perspectivas*. 2014.
- MATOS, Everton. Coelho. Brasil e Uruguai: uma dívida que virou ponte. *Revista Graduação*. EdUPUCRS. v.1, n. 2. p.01-43, 2008.
- MANHÃES, Bruno. *A questão da emoção no contexto da visita guiada: estudo de caso sobre o cemitério da consolação*. São Paulo. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. p.113-134, 2010.
- MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. *A cidade como bem cultural – Áreas evolutórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano*. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marlise Campos de; BASTOS, Rosano Lopes; GALLO, Haroldo. *Patrimônio: Atualizando o Debate*. 9º SR/IPHAN. p.33-76, 2006.
- MENESES, José Newton Coelho. *História & Turismo Cultural / José Coelho Meneses*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Rumo a uma “História Visual”*. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvania Ciuby (orgs). *O imaginário e o poético nas Ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2006. p.50-70.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. 2.ed. Publicações Europa América, 1970.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, PPG em História da PUCSP, São Paulo, n. 10, dez. p.07-28, 1993.
- OLIVEIRA. Elizete Romanini; MOREIRA Flávia Braga; FRANCISCO, Vivian Silva; MONTES FILHO, Carlos Henrique; MOREIRA, Mario. *Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da Cidade de São José dos Campos*. 2006.
- MOTTA, Márcia M. M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.21-36.

- OMT. Guide for local authorities on developing sustainable tourism. A Tourism and Environment Publication. Madrid: *Organización Mundial del Turismo*.1998.
- OSMAN, Samira Adel, RIBEIRO, Olivia Cristina Ferreira. Arte, História, Turismo e Lazer Nos Cemitérios da Cidade de São Paulo, Licerce, Belo Horizonte, v 10, n. 1. p.46-60, abr. 2007.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.
- PEGAS, Ana Paula. *O Visível que não se vê e o patrimônio cemiterial: proposta de uma criação de uma rota turística nos cemitérios do Porto*. 2013. 143p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Porto. Porto, 2013.
- PEREIRA, José Carlos. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. *Revista ciência & saúde coletiva*. Edição 18.9, p.2699-2709, set. 2013.
- QUEIROZ, Rachel de. *Viagem de Volta Crônica da Revista Extinta "O Cruzeiro"*. 12/julho de 1952.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. 1.ed. São Paulo: Necrópoles, 2007.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do além: o processo de secularização da morte no rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Tese (Doutorado em História). PPGH, UFF, Niterói, 2002.
- SANTOS, G. M. Cemitério Do Campo Santo: Memória, História E Museu A Céu Aberto. *Rev. FSA*, Teresina, v. 12, n. 6, art. 2, p. 27-40, nov./dez. 2015.
- SOARES, Eduardo Alvarez de Souza. *Igreja Matriz do Divino Espírito Santo da cidade de Jaguarão*. Porto Alegre. Editora Evangraf, 2011.
- SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. Campinas Sagradas: Práticas tradicionais de sepultamento na cidade de Diamantina. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, p.01-18, mai. 2010.
- TAVARES, A. M. *City tour*. São Paulo: Aleph, 2002.
- TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeiras (1861-1888)*. 278f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, 2007.
- TOMAZZONI, Edegar L, *Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores/* Caxias do Sul, RS: Educus, 2009.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da idade média ocidental*. Século VIII-XIII Lisboa, Editorial Estampa. 1995.